



Foto: Patrícia Coelho de Souza Leão

17

Custos de Produção

*José Lincoln Pinheiro Araújo
Pedro Jorge Pereira Ramalho*

17.1 Introdução

As mudanças pelas quais passam as economias induzidas pelo processo de globalização têm exigido do setor agrícola cada vez mais eficiência técnica e econômica na condução das explorações. Neste contexto de busca de competitividade, o conhecimento dos custos de produção e de rentabilidade das culturas é cada vez mais importante no processo de tomada de decisão do produtor sobre o que plantar.

Antes de iniciar a análise do custo de produção e da rentabilidade da uva cultivada no Semiárido brasileiro, é interessante assinalar os argumentos que respaldam a decisão dos autores de elegerem os sistemas típicos de produção de uva do Submédio do Vale do São Francisco como unidades de análises para a determinação dos custos de produção e da rentabilidade da videira nesta macrorregião brasileira.

No Submédio do Vale do São Francisco, que, dentro do segmento de uvas de mesa, explora somente uvas finas, e onde estão em operação os mais tecnificados sistemas de cultivo de uvas de mesa do País, são cultivados, atualmente, cerca de dez mil hectares de videira, cuja produção corresponde a, aproximadamente, 15% da produção nacional de uva. Trata-se de um dos maiores polos de produção e exportação de uvas de mesa do Hemisfério Sul, visto que sua exploração gera mais de 40.000 empregos diretos. Outro dado que ratifica a pujança do Submédio do Vale do São Francisco como grande polo produtor e exportador de uvas são seus números de produção e de exportação. Segundo a Valexport (2009), associação que congrega os principais produtores e exportadores de frutas deste polo, o Submédio do Vale do São Francisco produziu, em 2008, cerca de 265.430 toneladas de uvas de mesa, das quais 81.595 mil quilos foram destinadas ao mercado externo. Esta última cifra correspondeu a 99% das exportações brasileiras de uvas de mesa.

No tocante à uva de vinho, é importante destacar que no Submédio do Vale do São Francisco, a produção de vinhos já é uma atividade de significativa expressão econômica, respondendo, atualmente, por cerca de 23% da produção brasileira de vinhos finos. Trata-se do único polo vitivinícola do mundo assentado em clima semiárido tropical, estando localizado no paralelo 9, enquanto todas as demais regiões de produção de vinhos finos do planeta estão entre os paralelos 30 e 50 (GARCIA, 2003). O polo vitivinícola do Submédio do Vale do São Francisco é composto por sete vinícolas, que, no conjunto, cultivam 800 ha de uvas viníferas e engarrafam, anualmente, por meio de 10 marcas diferentes, aproximadamente, seis milhões de litros de vinhos finos e espumantes e mais oito milhões de litros de vinhos de mesa e destilados de uva para produção de sucos, refrigerantes, vinagre

e doces, entre outros. Para se ter uma ideia da tendência de crescimento da produção de vinhos e derivados na região em análise, é interessante assinalar que somente no decorrer do ano de 2005, foram assinados, por oito empresas de renome dentro do segmento vitivinícola doméstico e internacional, protocolos de intenções para efeito de instalações (RAMALHO, 2006).

17.2 Custos de instalação e manutenção da uva de mesa

Antes de entrar nas análises dos custos, é interessante comentar que a exploração da uva de mesa no Submédio do Vale do São Francisco caracteriza-se por ser uma atividade agrícola altamente tecnificada e concentrada em unidades produtivas empresariais, de pequeno, médio e grande portes, que direcionam suas produções para os mercados interno e externo. O sistema típico de condução dos vinhedos neste polo de produção é a latada e são utilizadas tanto cultivares com sementes como apirênicas. Como, de acordo com o recente censo frutícola da Codevasf (s.d), no Submédio do Vale do São Francisco, os cultivos de uvas apirênicas já respondem por mais de 60% da área plantada dessa frutífera, nesta publicação, será tomada, como unidade de análise, a exploração de 1 hectare de uvas sem sementes. É importante assinalar que embora os custos aqui apresentados correspondam aos gastos de 1 hectare, a unidade produtiva deve estar estruturada em módulos de 4 hectares. Este leiaute permite redução nos custos de implantação da latada.

Na Tabela 1, são apresentados os custos de instalação e de manutenção do primeiro ano de exploração de 1 hectare de uva de mesa sem sementes no polo de produção do Submédio do Vale do São Francisco. Considerou-se para análise um sistema de cultivo de uva de mesa que apresenta um espaçamento de 3,50 m x 3,00 m¹, é irrigado de forma localizada por gotejamento e, já no primeiro ano, alcança uma produtividade média de 15 t.ha⁻¹.ano⁻¹.

Constata-se, nesta análise, que os gastos com a estruturação do terreno, cuja maioria das operações são mecanizadas e realizadas por tratores de esteira, respondem por cerca de 1% do custo total do primeiro ano da exploração da uva sem semente. Já os gastos referentes ao preparo do solo são responsáveis por menos de 0,5% deste mesmo custo. O segmento de plantio e confecção de latada, que absorve, aproximadamente, 21,5% do custo total, tem no arame liso o gasto mais expressivo, enquanto no grupo dos tratamentos culturais e fitossanitários, a compra de fungicidas representa o gasto mais elevado.

¹ Nos últimos anos, houve uma tendência para cultivo em áreas adensadas, utilizando menor espaçamento entre plantas (de 1,0 m a 2,0 m).

Tabela 1. Custo de implantação e manutenção de 1 hectare de uva de mesa sem sementes, no Submédio do Vale do São Francisco, ano 1.

Discriminação	Unidade	Valor unitário (R\$)	Quantidade utilizada	Valor total (R\$)
Estruturação do terreno				
Desmatamento mecânico (tratores esteira)	hm	100,00	3	300,00
Enleramento mecânico (tratores esteira)	hm	100,00	2	200,00
Desenleramento mecânico (tratores esteira)	hm	100,00	2	200,00
Queima	dh	17,00	2	34,00
Gradagem pesada	hm	50,00	2	100,00
Sub total				834,00
Preparo do solo				
Aração	hm	40,00	4	160,00
Gradagem	hm	40,00	1,5	60,00
Sulcamento para adubação	hm	30,00	5	150,00
Subtotal				370,00
Plantio e latada				
Demarcação de covas e coveamento	dh	17,00	20	340,00
Adubação de fundação	dh	17,00	16	272,00
Mudas	Uma	2,00	1.050	2.100,00
Plantio e replantio	dh	17,00	12	204,00
Tutoramento	dh	17,00	10	170,00
Estacas	Uma	1,80	952	1.713,60
Adubo orgânico	m ³	30,00	60	1.800,00
Adubos químicos	kg	0,80	60	475,20
Confecção de latada	dh	17,00	100	1.700,00
Mourões	Unidade	16,00	64	1.024,00
Bloco de ancoragem	Unidade	6,50	64	416,00
Arame ovalado 12	km	252,00	6,30	1.587,60
Arame liso	kg	4,90	1.048	5.135,20
Subtotal				16.937,60
Tratos culturais e fitossanitários				
Capinas mecânicas	hm	30,00	4	120,00
Capinas manuais	dh	17,00	40	680,00
Adubação de cobertura	dh	17,00	30	510,00
Podas	dh	17,00	15	255,00
Aplicação de hormônio vegetal	dh	20,40	20	408,00
Aplicação de ácido giberélico	dh	20,40	15	306,00
Desbrota	dh	17,00	30	510,00
Amarração	dh	17,00	20	340,00
Raleio de frutos	dh	17,00	80	1.360,00
Pulverizações mecânicas	hm	30,00	50	1.500,00
Irrigação	dm	17,00	12	204,00
Adubos químicos	kg	0,80	1.386	1.108,80
Adubos foliares	L	9,00	3	27,00
Ácido giberélico	g	0,70	100	70,00
Hormônio vegetal	L	58,00	10	580,00
Espalhante	L	7,00	8	56,00
Inseticida	L	176,00	3,5	616,00
Fungicida	L	58,00	36	2.088,00

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Discriminação	Unidade	Valor unitário (R\$)	Quantidade utilizada	Valor total (R\$)
Alceador	Um	175,00	1	175,00
Fita plástica	Rolo	1,80	60	108,00
Grampos	Caixa	1,75	6	10,50
Lâmina	Pacote	26,50	2	53,00
Tesoura de raleio	Uma	15,00	4	60,00
Tesoura de poda	Uma	70,00	2	140,00
Água	m ³	39,00	15	585,00
Sub total				11.870,30
Colheita e beneficiamento				
Colheita e embalagem	dh	17	75	1.275,00
Caixa e complementos (4,5kg)	Caixa	2,00	3.334	6.668,00
Operações de pós colheita	Caixa	0,60	3.334	2.000,40
Sub total				9.943,40
Outros custos				
Sistema de irrigação (gotejamento)	Um	8.000,00	1	8.000,00
Sistema de drenagem subterrânea	Um	7.500,00	1	7.500,00
Sistema de drenagem superficial	Um	600,00	1	600,00
Cobertura plástica (aquisição e colocação)	Uma	19.300,00	1	19.300,00
Sub total		35.400,00		35.400,00
Custos administrativos				
Supervisor técnico	ha.ano ⁻¹	720,00	1	720,00
Mão de obra administrativa	ha.ano ⁻¹	420,00	1	420,00
Transporte (funcionários, materiais,)	ha.ano ⁻¹	820,00	1	820,00
Despesas de escritório, impostos e taxas	ha.ano ⁻¹	1.800,00	1	1.800,00
Sub total				3.760,00
Total geral				79.115,00
Total geral excluindo a cobertura plástica				59.815,00

Observação: a produtividade modal do primeiro ano de exploração é 15 t.ha⁻¹; os dados foram coletados em julho de 2006, pela Embrapa Semi-Árido.

Ainda analisando os custos registrados no primeiro ano do cultivo da videira no polo do Submédio do Vale do São Francisco, verifica-se que a caixa, item mais oneroso da etapa de colheita e beneficiamento, constitui-se, já no ano de implantação do vinhedo, no insumo mais caro de todo o sistema de produção. Outro item da planilha de custos da uva sem sementes que deve ser ressaltado é a cobertura de plástico. Trata-se de uma tecnologia de custo extremamente elevado, mas que teve uma rápida adoção entre os produtores de uva sem sementes do Submédio do Vale do São Francisco, por ter como objetivo proteger os frutos contra a ação das intempéries da natureza, visto que este é um dos principais problemas sofridos pelos vinhedos apirênicos desta região. Entretanto, o plástico rompe-se com facilidade sob a ação do vento e das chuvas, resultando em pouca durabilidade. Os fornecedores preconizavam que sua vida útil seria de três anos, mas, no meio real,

constatou-se que, em média, não passa de um ano. Mesmo com todos esses agravantes, não se pode, de antemão, afirmar que esta tecnologia está definitivamente condenada. Atualmente, a pesquisa está desenvolvendo estudos acerca desse tipo de proteção e, quiçá após a identificação e correção dos pontos frágeis, venha a ser gerado um produto que, efetivamente, possibilite uma adequada proteção aos frutos e com uma vida útil que justifique economicamente a sua utilização.

No segundo ano, os tratos culturais e fitossanitários correspondem a 28,85% do custo total, em um vinhedo que utilize a cobertura plástica e a 45,25% em um que não a utilize. Neste segmento, o gasto mais representativo entre os insumos é a aquisição dos fungicidas e, entre os serviços, é o raleio dos frutos. Com relação aos custos das etapas de colheita e de beneficiamento, verifica-se que no ano 2 do vinhedo apirênico, elas respondem por 24,89% e por 39,04% dos gastos totais, respectivamente nas explorações com e sem cobertura plástica (Tabela 2).

No terceiro ano, a exploração de uva sem sementes no polo de produção do Submédio do Vale do São Francisco já alcança a sua produção plena, com uma produtividade média em torno de 25 t.ha⁻¹.ano⁻¹. A partir deste ano, constata-se que, diferente do que acontece nos anos anteriores, no segmento dos tratos culturais e fitossanitários, o total dos gastos passa a ser inferior ao observado nas etapas de colheita e beneficiamento. Tal procedimento está diretamente associado ao expressivo aumento da quantidade de caixas e de seus complementos (Tabela 2).

De acordo com estudos realizados pela Embrapa Semi-Árido, sobre caracterização dos sistemas típicos de produção de uvas de mesa apirênicas no Submédio do Vale do São Francisco, a produtividade modal de um vinhedo em produção estável, situação que ocorre a partir do terceiro ano e se prolonga até o vigésimo, é de 25 t.ha⁻¹.ano⁻¹. Como o valor médio anual de comercialização da uva sem sementes no polo de produção em análise é de R\$ 5,72.kg⁻¹ no mercado externo (valor médio de 2005) e observando que após descontados os gastos aduaneiros e com o frete ao porto, este valor fica em torno de R\$ 4,18.kg⁻¹ livre ao produtor, pode-se considerar que o valor bruto médio da produção anual em 1 hectare em plena produção é da ordem de R\$ 104.500,00.

Entretanto, para contemplar a existência do risco climático, já que a ação de agentes da natureza é uma variável que, frequentemente, interfere na produtividade dos vinhedos do Submédio do Vale do São Francisco e, dessa forma, apresentar uma ideia mais precisa da rentabilidade econômica da exploração da videira nesta região, em todas as análises deste estudo, será reduzida a produtividade modal da uva em 20%. Com esta redução, o valor bruto da produção anual em 1 hectare de uva sem sementes em plena produção é de R\$ 83.600,00.

Tabela 2. Custo de manutenção de 1 hectare de uva de mesa sem sementes, no Submédio do Vale do São Francisco, anos 2 e 3.

Discriminação	Unidade	Valor unitário (R\$)	Ano 2		Ano 3	
			Quantidade utilizada	Valor total (R\$)	Quantidade utilizada	Valor total (R\$)
Tratos culturais e fitossanitários						
Capinas mecânicas	hm	30,00	4	120,00	4	120,00
Capinas manuais	dh	17,00	40	680,00	40	680,00
Sulcamento para adubação	hm	30,00	5	150,00	5	150,00
Adubação de cobertura	dh	17,00	30	510,00	30	510,00
Podas	dh	17,00	15	255,00	15	255,00
Aplicação de hormônio vegetal	dh	20,40	20	408,00	20	408,00
Aplicação de ácido giberélico	dh	20,40	20	408,00	25	510,00
Desbrota	dh	17,00	30	510,00	30	510,00
Amarração	dh	17,00	20	340,00	20	340,00
Raleio de frutos	dh	17,00	110	1.870,00	138	2.346,00
Pulverizações mecânicas	hm	30,00	52	1.560,00	52	1.560,00
Irrigação	dm	17,00	12	204,00	12	204,00
Adubo orgânico	m ³	30,00	60	1.800,00	60	1.800,00
Adubos químicos	kg	0,80	1900	1520,00	1900	1.520,00
Adubos foliares	L	9,00	3	27,00	3	27,00
Ácido giberélico	g	0,70	195	136,50	260	182,00
Hormônio	L	58,00	10	580,00	10	580,00
Espalhante	L	7,00	8	56,00	8	56,00
Inseticida	L	176,00	3,5	616,00	3,5	616,00
Fungicida	L	58,00	42	2.436,00	42	2.436,00
Alceador	Um	175,00	1	175,00	1	175,00
Fita plástica	Rolo	1,80	60	108,00	60	108,00
Grampos	Caixa	1,75	6	10,50	6	10,50
Lâmina	Pacote	26,50	2	53,00	2	53,00
Tesoura de raleio	Uma	15,00	4	60,00	4	60,00
Tesoura de poda	Uma	70,00	2	140,00	2	140,00
Água	m ³	39,00	15	585,00	15	585,00
Sub total			100	15.364,00		15.941,50
Colheita e beneficiamento						
Colheita e embalagem	dh	17,00	4445	1700,00	125	2.125,00
Caixa e complementos (4,5kg)	Caixa	2,00	4445	8.890,00	5556	11.112,00
Operações de pós-colheita	Caixa	0,60		2.667,00	5556	3.333,60
Sub total				13.257,00		16.570,60
Outros custos						
Sistema de irrigação (manut. e deprec.)	Um	900,00	1	900,00	1	900,00
Sistema de drenagem subter. (deprec.)	Um	300,00	1	375,00	1	375,00
Sistema de drenagem superf. (manut.)	Um	300,00	1	300,00	1	300,00
Cobertura plástica (aquisição. e coloc.)	Uma	19.300,00	1	19.300,00	1	19.300,00
Sub total				20.875,00		20.875,00
Custos administrativos						
Supervisor técnico	ha.ano ⁻¹	720,00	1	720,00	1	720,00
Mão-de-obra administrativa	ha.ano ⁻¹	420,00	1	420,00	1	420,00
Transporte (funcionários, materiais)	ha.ano ⁻¹	820,00	1	820,00	1	820,00
Despesas de escritório, impostos e taxas	ha.ano ⁻¹	1.800,00	1	1.800,00	1	1.800,00
Sub total				3.760,00		3.760,00
Total geral				53.256,00		57.147,10
Total geral excluindo a cobertura plástica				33.956,00		37.847,10

Observação: A produtividade modal do segundo ano de exploração é 20 t.ha⁻¹; a produtividade modal do terceiro ano e seguintes é de 25 t.ha⁻¹; os dados foram coletados em julho de 2006 pela Embrapa Semi-Árido.

Considerando o valor bruto médio da produção comercial de uva de mesa sem sementes em 1 hectare em plena produção (receita bruta total) e os custos totais de manutenção do mesmo, constata-se que a exploração da uva sem sementes no Submédio do Vale do São Francisco apresenta resultados economicamente satisfatórios em diversos índices de eficiência econômica (Tabela 3). A relação benefício/custo é de 1,46, situação que indica que para cada R\$ 1,00 utilizado no custo total de manutenção de 1 hectare de uva, houve um retorno de R\$ 1,46. O ponto de nivelamento também confirma o significativo desempenho econômico da cultura analisada, pois será necessária uma produtividade de apenas 13.671 kg.ha⁻¹.ano⁻¹ para a receita igualar-se aos custos. Este mesmo desempenho pode ser observado no resultado da margem de segurança, que corresponde a -0,46, o que significa que, para a receita se igualar aos custos, a quantidade de uva produzida ou o preço de venda da uva pode cair em até 46%. Caso a unidade produtiva não utilize a cobertura plástica em seus vinhedos, procedimento que atualmente está sendo adotado pela maioria dos viticultores do Submédio do Vale do São Francisco, os resultados econômicos são bem mais expressivos. Com a relação benefício/custo subindo para 2,20, o ponto de nivelamento reduzindo-se para 9.054 kg e a margem de segurança ampliando-se para 55%, isto acontece porque sem a cobertura, o custo total para a manutenção de 1 hectare de uva sem sementes sofre uma redução de 33,78%.

Tabela 3. Avaliação econômica de 1 hectare de uva de mesa sem sementes em plena produção, no Submédio do Vale do São Francisco.

Produtividade ⁽¹⁾ (kg.ha ⁻¹ .ano ⁻¹)	Valor da produção ⁽²⁾ (R\$.ha ⁻¹ .ano ⁻¹)	Custo total ⁽³⁾ (R\$.ha ⁻¹ .ano ⁻¹)	Relação benefício/custo	Ponto de nivelamento ⁽⁴⁾ (kg.ha ⁻¹ .ano ⁻¹)	Margem de segurança
(A)	(B)	(C)	(B/C)	(C/P)	(C-B/B)
25.000	83.600,00	57.147,10	1,46	13.671	-0,46

⁽¹⁾ Produtividade anual de 1 ha de uva de mesa sem sementes em plena produção.

⁽²⁾ Valor bruto da produção: preço x quantidade comercial produzida.

⁽³⁾ Custos totais efetuados para obtenção da produção.

⁽⁴⁾ P é o preço médio anual do produto R\$ 4,18.kg⁻¹.

A análise na Tabela 3 demonstra a rentabilidade econômica de 1 ano de exploração de uma videira adulta. Entretanto, por tratar-se de uma cultura perene, com vida útil prevista para 20 anos, é importante considerar tal período ao longo do tempo para se obter um resultado preciso da rentabilidade de todo o empreendimento. Por tratar-se de uma análise que envolve decisões de longo prazo, segundo diversos autores da contabilidade Agrícola, como Martins (1999), Sanvicente(2002), Viceconte (2003) e Horngren(2000), a aplicação do Fluxo de Caixa Descontado (FCD) é o

procedimento mais aconselhável. Há três métodos geralmente aceitos para o cálculo do FCD:

- a) Valor Presente Líquido (VPL).
- b) Taxa Interna de Retorno (TIR).
- c) Payback.

O método do Valor Presente Líquido (VPL) calcula o ganho monetário líquido, descontados todas as entradas e desembolsos futuros esperados para o momento atual, utilizando uma taxa de retorno esperada. Esta taxa de retorno esperada é o custo de oportunidade, que equivale a outra atividade financeira que a empresa abriu mão ao decidir cultivar a uva de mesa. Utilizou-se aqui uma taxa de 10% a.a. (dez por cento ao ano).

A Tabela 4 traz os valores calculados do VPL, considerando os orçamentos anuais da uva sem sementes.

Tabela 4. Cálculo do valor presente líquido para o investimento de 1 hectare de uva sem sementes no Submédio do Vale do São Francisco.

Ano	Custos operacionais ⁽¹⁾	Receitas operacionais ⁽²⁾	Fluxo de caixa ⁽³⁾	Fluxo de caixa descontado ⁽⁴⁾
0	79.115,00	50.160,00	(28.955,00)	-28.955,00
1	53.256,00	66.880,00	13.624,00	12.385,45
2	57.147,10	83.600,00	26.452,90	21.861,90
3	57.147,10	83.600,00	26.452,90	19.724,19
4	57.147,10	83.600,00	26.452,90	17.931,08
5	57.147,10	83.600,00	26.452,90	16.300,99
6	57.147,10	83.600,00	26.452,90	14.819,08
7	57.147,10	83.600,00	26.452,90	13.471,98
8	57.147,10	83.600,00	26.452,90	12.247,17
9	57.147,10	83.600,00	26.452,90	11.133,79
10	57.147,10	83.600,00	26.452,90	10.121,63
11	57.147,10	83.600,00	26.452,90	9.201,48
12	57.147,10	83.600,00	26.452,90	8.364,98
13	57.147,10	83.600,00	26.452,90	7.604,53
14	57.147,10	83.600,00	26.452,90	6.913,21
15	57.147,10	83.600,00	26.452,90	6.282,74
16	57.147,10	83.600,00	26.452,90	5.713,40
17	57.147,10	83.600,00	26.452,90	5.194,00
18	57.147,10	83.600,00	26.452,90	4.721,81
19	57.147,10	83.600,00	26.452,90	2.292,56
			VPL =	179.332,88
			TIR =	72,50%

⁽¹⁾ Valores dos custos de cada ano.

⁽²⁾ Produção do ano x o preço de venda.

⁽³⁾ Valores líquidos: receitas menos despesas.

⁽⁴⁾ Valores líquidos descontados à taxa de 10%, valores calculados utilizando o fator $\frac{FV_n}{(1+i)^n}$.

A análise anterior demonstra que o projeto de cultivo da uva sem sementes, ao longo dos 20 anos, oferece um retorno maior que a taxa utilizada de custo de oportunidade de 10% ao ano, com o Valor Presente Líquido de R\$ 179.332,88.

O método da Taxa Interna de Retorno (TIR), que é obtida nesta pesquisa no mesmo processo de operacionalização do VPL, calcula a taxa de retorno esperada futura de um investimento. Sendo o valor líquido de um investimento positivo, significa que a sua taxa interna de retorno excede o seu custo de capital. A viabilidade do projeto somente deve ser considerada quando esta taxa for superior ao custo de oportunidade, que, no caso estudado da uva sem sementes, foi estipulado em 10% ao ano. Como a TIR obtida foi de 72,50% ao ano, significa que o projeto é viável. Outra forma de observar esta taxa é que se o empresário tivesse uma outra opção de negócio que rendesse até 72,50% ao ano, ainda assim, pelo cálculo da TIR, o negócio da uva sem sementes seria mais rentável.

O método do Payback é definido como sendo aquele número de anos ou meses, dependendo da escala utilizada, necessários para que o desembolso correspondente ao investimento inicial seja recuperado, ou, ainda, igualado e superado pelas entradas líquidas acumuladas. No estudo da uva sem sementes, observa-se que a partir do terceiro ano de implantação, o fluxo de caixa acumulado já será positivo. Portanto, a recuperação do investimento acontecerá entre o segundo e o terceiro ano, como pode ser observado na Tabela 5.

Tabela 5. Avaliação do investimento de 1 hectare de uva com sementes no Submédio do Vale do São Francisco pelo método Payback.

Ano	Custos operacionais	Receitas operacionais	Fluxo de caixa	Fluxo de caixa descontado
0	79.115,00	50.160,00	(28.955,00)	-28.955,00
1	53.256,00	66.880,00	13.624,00	-15.331,00
2	57.146,10	83.600,00	26.453,90	11.122,00

Ainda analisando o desempenho econômico da uva de mesa no polo de produção do Submédio do Vale do São Francisco, é interessante comentar que as variedades com sementes registram, em duas safras anuais, uma produtividade média de 40 t.ha⁻¹.ano⁻¹. Este tipo comercial de uvas, representado, principalmente, pela cultivar Itália, é comercializado metade no mercado doméstico e metade no mercado internacional, com os preços ficando em torno de 40% dos obtidos pelas cultivares sem sementes. Esse grande diferencial de preços contribui para que a exploração da uva com sementes, mesmo alcançando o dobro de produtividade, registre uma rentabilidade econômica menor que a dos vinhedos apirênicos.

Com relação à viabilidade econômica da exploração vitivinícola no Semiárido brasileiro, um estudo técnico de viabilidade econômico-financeira, realizado pela FNP Consultoria e Comércio (2005), traz indicadores atrativos ao desenvolvimento da cadeia produtiva da uva e vinho no polo de produção do Submédio do Vale do São Francisco. O estudo, que toma como referências um custo de arrendamento de terras de R\$ 100,00 por hectare, um consumo médio estimado de 18 mil metros cúbicos de água por hectare e uma taxa variável de utilização da água de R\$ 40,00 para cada mil metros cúbicos, aponta que em um horizonte de planejamento de 12 anos, a uma taxa de desconto de 8%, o produtor de vinho do Submédio do Vale do São Francisco, mesmo comercializando metade de sua produção engarrafada e a outra metade a granel, obtém uma taxa de retorno da ordem de 14,3%. Entretanto, é importante comentar que apesar da boa atratividade da taxa de retorno, trata-se de uma atividade que exige investimentos muito elevados nos cinco primeiros anos da implantação, notadamente no segmento de processamento do vinho, tornando o fluxo de caixa negativo neste período de implantação do investimento.

17.3 Referências

CODEVASF. **Censo frutícola do Vale do São Francisco**. Juazeiro, [2008?].

FNP. Consultoria & Comércio. **Estudo de viabilidade técnica e econômica de cadeias agroindustriais para o médio e submédio São Francisco**. São Paulo: Codevasf, 2005.

GARCIA, A. **A produção de uva e do vinho e desenvolvimento local**: o caso de Lagoa Grande-PE. 2003. f. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia Regional)–Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará.

HORNGREN, C. T. **Contabilidade de custos**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC. 2000.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. São Paulo: Atlas, 1999.

RAMALHO, P. J. P. **Estratégias para o desenvolvimento do sector vitivinícola brasileiro**: o caso das empresas do Vale de São Francisco. 2006. 265 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Empresas) – Universidade de Évora, Évora.

SANVICENTE, A. Z. **Administração financeira**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

VALEXPOR. **Informações regionais**. Petrolina, 2006.

VICECONTI, P.; NEVES, S. **Contabilidade de custos**: um enfoque direto e objetivo. 6. ed. São Paulo: Frase, 2003.